

## **Intellectual? Não. *A hora da estrela* e a vez de Clarice Lispector\***

Edgar César Nolasco\*\*

### **Resumo**

Tendo por base o livro *A hora da estrela* (1997), de Clarice Lispector, bem como algumas crônicas da autora que tratam da figura do intelectual, o ensaio visa discutir acerca de como se constitui a persona da figura do intelectual dentro do projeto literário da escritora. Para tanto, a discussão será ilustrada por passagens da escritora que justificam sua preocupação em não assumir o lugar ocupado pelo intelectual naquele contexto. Na discussão proposta, o livro *A hora da estrela* ocupa lugar diferenciado, sobretudo por questionar o papel e lugar ocupado pelo intelectual brasileiro, que bem podia ser o da escritora Clarice Lispector.

### **Palavras-Chave**

Intelectual brasileiro; Clarice Lispector; *A hora da estrela*; cultura.

### **Abstract**

Based on *The hour of the star* (1997) written by Clarice Lispector, as well as some of the author's chronicles dealing with the figure of the intellectual, the essay aims to discuss how the persona of the intellectual figure is constituted within the writer's literary project. For this, a discussion will be illuminated by passages of the writer that justify her concern with not assuming the place occupied by the intellectual in that context. In this discussion, *The hour of the star* occupies differentiated place, mainly for questioning the role and place occupied by the Brazilian intellectual, who could be that of the writer Clarice Lispector.

### **Keywords**

Brazilian intellectual; Clarice Lispector; *The hour of the star*; culture.

---

\* Artigo recebido em 18/07/2017 e aprovado em 09/11/2017. A versão inicial deste texto faz parte do livro *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*.

\*\* Professor no Curso de Letras e no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFMS.

Mas é que o erro das pessoas inteligentes é tão mais grave: elas têm os argumentos que provam.

LISPECTOR. O erro dos inteligentes

O FATO DE O LIVRO *A HORA DA ESTRELA* TER POR ESCRITOR-NARRADOR-AUTOR Rodrigo S.M. remete-nos, imediatamente, para a figura da escritora Clarice Lispector. Lembrando-nos, de saída, que o livro traz uma “dedicatória do autor (na verdade, Clarice Lispector)” que metaforiza sobremaneira tal relação. Sobretudo quando aí se lê: “dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta” (LISPECTOR, 1984, p.7). Com base nessa relação metafórica entre o *autor da dedicatória*, supostamente o escritor Rodrigo S.M., e a escritora/ autora (“na verdade, Clarice Lispector”), podemos pensar, entre outras questões, o papel-lugar da figura do intelectual brasileiro comprometido com a realidade cultural do país.

Eduardo Portela abre o prefácio, intitulado “O grito do silêncio”, feito a pedido da amiga, perguntando-se: “devemos falar de uma nova Clarice Lispector, ‘exterior e explícita’, o coração selvagem comprometido nordestinicamente com o projeto brasileiro?” (LISPECTOR, 1984, p.9). Na esteira do que postula o crítico, responderíamos que Clarice leva ao mais alto grau seu compromisso com a realidade brasileira – compromisso esse já renunciado e trabalhado paulatinamente em seus livros anteriores –, fechando agora o ciclo de seu projeto literário e cultural.

Logo no início da narrativa, o narrador-escritor Rodrigo S.M., ao dizer tratar-se esta de uma história “exterior e explícita” e de reiterar que é uma história *verdadeira embora inventada*, espera que cada um a reconheça em si mesmo porque todos *nós somos um* (LISPECTOR, 1984, p. 18).

É essa expressão *nós somos um* que nos interessa para pensar o que estamos querendo dizer. Ou seja, podemos dizer que se *nós somos um*, logo Rodrigo S.M. é Clarice Lispector que é Macabéa metaforicamente. E o leitor pode ser todos eles, reciprocamente. Assim, em nossa leitura comparativa, procuraremos mostrar, através do cotejo entre crônicas e outros textos e o livro *A hora da estrela*, que Rodrigo S.M. diz e pensa, e às vezes, muito semelhantemente (para não dizer igual) à escritora Clarice Lispector. Daí a necessidade de recorrer, no decorrer deste texto, a várias passagens claricianas, quer estas

sejam ora do livro em estudo, ora não, na tentativa detetivesca de melhor desenhar o retrato falado do intelectual biografado em tais páginas.

Nas páginas iniciais de *A hora da estrela*, momento esse em que se prepara para começar a nos contar a história de sua anti-heroína Macabéa, o escritor-autor Rodrigo S.M. nos dá um retrato mal-falado de sua figura enquanto escritor, intelectual, apesar de não se considerar como tal (pelo menos aparentemente). Começa por apresentar-se dizendo que *em menino se criou no Nordeste* (LISPECTOR, 1984, p.18), como Macabéa e Olímpico, como forma de justificar por que sabe das coisas que farão a história. Faz questão de dizer que é “*um dos personagens mais importantes dela*” (LISPECTOR, 1984, p.19). Diz tratar-se de um “relato antigo”, pois não quer ser “modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade” (LISPECTOR, 1984, p.19); daí experimentar contra seus hábitos de escritor “uma história com começo, meio e ‘gran finale’” (LISPECTOR, 1984, p.19).

Assim, nessa história *exterior e explícita*, talvez por tratar-se da realidade, diz que “o que *escreve é mais do que invenção*, é sua obrigação *contar sobre a moça, é seu dever*, enquanto escritor, revelar-lhe a vida” (LISPECTOR, 1984, p.19). E termina por constatar que a pessoa de quem falará, no caso Macabéa, “é virgem e inócua” e “não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 1984, p. 20), e descobre que ele *também não faz a menor falta, e até o que escreve um outro escreveria*: “um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1984, p. 20). Do nosso ponto de vista, duas questões importantes sobressaem dessa passagem: uma seria que o ofício do escritor, o pedestal intocável que a figura do intelectual ocupava, mais a “aura” de sagrado que encobria a sua produção, parece que finalmente foram abalados pelo mundo do consumo, tornando-se ambos consumíveis e descartáveis no mundo contemporâneo.

Ilustra o que estou querendo dizer sobre o papel do intelectual e, por extensão, sua produção, o que o narrador Rodrigo S.M. diz sobre as nordestinas comparsas de Macabéa: “não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam” (LISPECTOR, 1984, p. 20). Claro que vai aí, de minha parte, um tanto de exagero. Mas no tocante ao “substituível” (“e até o que escrevo um outro escreveria”), não deixa de fazer sentido na ciranda da indústria cultural atual. A outra questão, não menos importante, é a de que a escritora Clarice Lispector, valendo-se da *persona* do escritor Rodrigo S.M., zomba, brinca, dá uma gargalhada irônica na figura do narrador masculino

de toda a tradição narrativa da literatura brasileira anterior a ela. Tal passagem nos autoriza a dizer que o que temos aí é uma escritora mulher escrevendo, e sem “lacrimejar piegas”, a história de uma anti-heroína de dezenove anos sem resquício aparente de novela romântica. Antes é uma história explícita, real, nua e crua, e que não permite que ninguém tenha sequer piedade da protagonista. “Só eu, seu autor, a amo” (LISPECTOR, 1984, p. 34), diz Rodrigo S.M.. Em sua leitura do livro, Silviano Santiago diz que ele pode ser lido “como a mais alta traição ao que a autora tinha inaugurado na literatura brasileira, mas pode também ser dado como uma gargalhada na cara da tradição afortunada, [...]” (SANTIAGO, *apud* MIRANDA, 1999, p. 15).

Ainda em sua pseudo-apresentação, Rodrigo S.M. torna pública sua pretensão de “escrever de modo cada vez mais simples” (LISPECTOR, 1984, p. 20), limitando-se a *humildemente* “contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1984, p. 21). Com base no que diz Rodrigo, não se tem como não lembrar o que Clarice também diz em entrevista, ao se comentar sobre a recepção de sua obra: “eu escrevo muito simples”.<sup>1</sup> Já sobre a técnica humilde de escrever do escritor Rodrigo, encontramos ressonância semelhante na crônica “Humildade e técnica”. “Esse modo, esse *estilo* (!), já foi chamado de varias coisas, mas não do que realmente e apenas é: uma procura humilde. [...] refiro-me à humildade que vem da plena consciência de ser realmente incapaz. [...] Humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente” (LISPECTOR, 1984b, p. 361). Parece-nos ser esse exatamente o processo através do qual o autor Rodrigo S.M. aproxima-se de sua criatura Macabéa. Daí ele se explicar ao dizer de seu ofício: “o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes” (LISPECTOR, 1984, p. 22).

Reconhece estar *mudando de modo de escrever*, pois de repente viu-se *apaixonado por fatos sem literatura*, o que significa para ele *escrever sobre a realidade*: “qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’” (LISPECTOR, 1984, p. 23). De tudo, o que mais nos interessa neste gesto mimético, de similitude que estamos perseguindo aqui, é a constatação da afirmação reiterada que Rodrigo faz de si por toda sua apresentação: “eu não sou um intelectual” (LISPECTOR, 1984, p. 22), “não sou um profissional” (LISPECTOR, 1984, p. 23) etc. Tal afirmativa talvez seja, entre tantas outras possíveis, a que mais aproxima e

---

<sup>1</sup> Cf. Entrevista.

amarra a figura do escritor intelectual Rodrigo S.M. com as proposições reiteradas e defendidas pela intelectual Clarice Lispector, por toda a vida. Antes de tecermos qualquer comentário entre *ser ou não ser intelectual* em Clarice Lispector, conforme sugere o nome da crônica que dá título a este texto, lembramos que, como tudo em Clarice, o lugar e papel do intelectual, ou seja, sua figura está atravessada por um fingimento, uma máscara, uma encenação *a la Clarice Lispector*.

Começa ela a crônica dizendo que todos aqueles que a chamam de intelectual não entendem o fato de ela não se considerar como tal. Para ela, intelectual, “ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço: uso é a intuição, o instinto. Ser intelectual é também ter cultura, e eu sou tão má leitora que, agora já sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura. Nem sequer li as obras importantes da humanidade”.<sup>2</sup> Mesmo considerando o tanto de encenação que a escritora demanda, sobretudo no tocante ao assunto, devemos considerar que as proposições biográficas de Clarice nos obrigam a repensar numa nova figura e lugar do intelectual nos dias atuais. O lugar e conceito que amarram a figura do intelectual enquanto aquele ser provido de *intelligentsia* e de *cultura* são (e devem) desarticular-se no pensamento clariceano. Sobretudo porque nos propõem repensar nesse suposto feixe comum de conceitos, normas e leis de senso comum adquiridos, por todos (a inteligência) e a desconstruir, por conseguinte, o conceito elitista e fechado que assina sob a rubrica de cultura. A frase conclusiva “nem sequer li as obras importantes da humanidade” se, por um lado, conceitua aquele tipo de intelectual do qual a escritora não toma parte, por outro, pode ser compreendida como uma gargalhada dada por Clarice a todo saber instituído, todo conceito canônico, inclusive o de literatura.

A expressão “eu sou tão má leitora” pode ser compreendida, nesse contexto, como uma nova prática de leitura (leitora), ou seja, uma leitura que lê (com o mesmo prazer, ou talvez mais) as obras que se encontravam à margem das *obras literárias importantes da humanidade*, como a própria escritora faz questão de dizer na crônica: “durante anos eu só lia romance policial”. Na verdade, Clarice leu de tudo: desde romance cor-de-rosa para

---

<sup>2</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 216 “Nunca tive, enfim, o que se chama verdadeiramente de vida intelectual. Até para escrever uso minha intuição mais do que a inteligência” (LISPECTOR, apud BORELLI. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, p. 66).

mocinhas, passando por romances policiais (Simenon, Agatha Christie), até Dostoievski, como o livro *Humilhados e ofendidos* citado dentro de *A hora da estrela*.

E termina a crônica, na qual não se considera intelectual, dizendo não ser também *literata porque não tornou o fato de escrever livros* “uma profissão”, nem uma “carreira”. Considerando-se talvez mais como uma *amadora*, diz que só *escreveu o que realmente quis*. Mais uma vez vamos encontrar ressonância semelhante no que diz o escritor Rodrigo S.M. sobre a história de Macabéa – “acontece que só escrevo o que quero” (LISPECTOR, 1984, p. 23). Na crônica “Um encontro perfeito”, encontramos uma Clarice preocupada com sua própria profissionalização enquanto intelectual, o que, se por um lado desbarata o lugar inquestionável de tal figura, por outro, mostra o quanto essa mesma figura pode ter hoje de descentrada, múltipla e emergente. Lê-se na crônica: “sempre fui uma amadora, amadora compulsiva, é verdade, mas amadora. E receio de uma profissionalização [...] Estou pensando agora em me profissionalizar”.<sup>3</sup>(LISPECTOR, 1984, p. 47).

Com blefe ou não, “profissional” ou antiprofissional, o fato é que Clarice Lispector acaba nos dando uma aula de como ser intelectual, ou melhor, de como se comportar enquanto tal nesse país de mil e tantas misérias e diferenças sociais. Daí a importância, a necessidade mesmo de pontuar aqui o livro *A hora da estrela* – que vemos como ponto crítico vital dessa questão – como outros textos menores da escritora, mas sem perder de vista que o olhar crítico se distende por todo o projeto intelectual clariceano.

Rodrigo S.M. deixa claro, conforme já dissemos antes, que sua preocupação maior é escrever, “pensar” sobre a “realidade”, mesmo que não saiba o que esta possa querer dizer, apesar de afirmar que a “realidade” *não lhe dizia nada*, assim como para sua criatura Macabéa que entendia que a realidade “era demais para ser acreditada” (LISPECTOR, 1984, p. 41). Segundo o seu autor, Macabéa “não sabia enfeitar a realidade” (LISPECTOR, 1984, p. 41). Na esteira do que postula Rodrigo e Clarice nos dá a entender, Macabéa era a própria “realidade”, sem enfeite nenhum.<sup>4</sup> Daí compreendermos a necessidade premente, quase desesperada de Rodrigo, quando diz *precisar falar da nordestina senão sufoca, já que ela o acusa e o meio dele de se defender é escrever sobre ela*. (LISPECTOR, 1984, p. 23). Por conta talvez dessa necessidade meio inexplicável de escrever a “realidade”, já que

---

<sup>3</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 47. Para Said, uma das *representações* do intelectual é justamente a de amador.

<sup>4</sup> Na entrevista Clarice diz que escreve muito simples: “eu não enfeito”.

esta parece incomodá-lo, sobra a Rodrigo se perguntar: por que escreve? E ele mesmo responde dizendo que escreve: “não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’”. (LISPECTOR, 1997, p. 24). Essa força de lei talvez deva ser entendida como a própria consciência crítica do escritor, ou seja, seu compromisso enquanto intelectual de tratar das questões paradigmáticas que atravessam a sociedade. Consciente desses problemas, e ao mesmo tempo preocupado em apontar seu lugar dentro da sociedade, o intelectual Rodrigo S.M. posiciona-se diante da história de sua criatura Macabéa. Diz ele: “sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a mídia com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim” (LISPECTOR, 1984, p. 25). Várias questões podem ser pensadas a partir dessa afirmação de Rodrigo S.M. Parece-nos que ele quer nos dizer, convencer mesmo, de que não tem *antecedentes do escrever*, o que justificaria o fato de que aprendeu a *escrever de ouvido*. Apesar de entendermos que toda uma família literária poderia aí ser pensada (depois trataremos dessa questão), podemos dizer que foi *escrevendo de ouvido*, de olhar, de prestar atenção à sua volta na sociedade que o escritor Rodrigo pegou “no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 1984, p.18). A passagem referida acima, apesar de vermos nela uma pequena contradição, é, em todo o livro, a que melhor ilustra e nos faz pensar no papel e condição social, cultural do intelectual como um todo.

Reconhecer-se como um ser *marginalizado*, como faz o escritor Rodrigo S.M., leva-nos a descentrar o posto, a posição classista e “elitista” que a figura do intelectual sempre ocupou na sociedade (mesmo quando esta mesma lhe outorgou tal posição; e quase sempre compete a ela, como é de praxe historicamente falando). Pôr-se à posição de margem, como fez o autor de Macabéa, é aceitar o desafio corajoso e pessoal de abrir mão de sentir o *bom gosto* do lugar confortável resguardado pela tradição literária ao intelectual e, por conseguinte, “abandonar sentimentos antigos já confortáveis” (LISPECTOR, 1984, p. 26). Apresentar-se num lugar de margem, como faz Rodrigo, significa abandonar “sentimentos” românticos que outrora dariam páginas e páginas de literatura (nada realistas e alienadas do

social), desconstruir conceitos “confortáveis e sentir-se no direito de sentir *a falta de bom gosto do estético*. Na verdade, a consciência crítica de Clarice Lispector, interposta à *persona* de Rodrigo S.M., é tão exacerbada, tão pública, diria, que funciona como uma gargalhada debochada e não menos irônica que ela dá à própria sociedade. Tal constatação fica-nos clara sobretudo quando Rodrigo diz “que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina” (LISPECTOR, 1984, p. 26).

Já a contradição a que nos referimos atrás é a seguinte: primeiro Rodrigo S.M. diz que “a classe baixa nunca vem a mim” (LISPECTOR, 1984, p. 25). Antes de mais nada, é escusado dizer que sua criatura Macabéa, se pertencer a alguma classe, pertence justamente a essa classe. Segundo porque ele se impõe vários critérios os quais ele mesmo precisa cumprir – como “não fazer a barba”, “adquirir olheiras escuras”, “só cochilar de pura exaustão” e “vestir-me com roupa velha rasgada” – “tudo isso para me pôr no nível da nordestina” (LISPECTOR, 1984, p. 26). Do nosso ponto de vista (e Rodrigo procura articular a questão em seguida), por mais que ele diga e queira, *jamais poderá se pôr no nível de Macabéa*, pela simples razão de impossibilidade. Todavia, fica subentendido que o intelectual clariceano tem consciência da questão e procura resolvê-la sem precisar *sair discretamente pela saída da porta dos fundos* da narrativa, da história das diferenças.

O intelectual Rodrigo parece resolver tal diferença amenizando as diferenças quando se reconhece menos como escritor do que ator (LISPECTOR, 1984, p. 29), justificando que, ao agir assim, *faz malabarismos de entonação*, jogo de encenação, *obrigando o respirar alheio do leitor (bem como Macabéa)* a lhe acompanhar o texto (LISPECTOR, 1984, p. 30). Entendemos que somente através dessa encenação dramática de Rodrigo, tendo a palavra como único instrumento, é que ele pode, como ele mesmo anuncia, se transfigurar em outrem, no caso, Macabéa, no decorrer da ação da história. (Cf. p. 27). Deixa-se entrever aqui uma encenação dramatúrgica de papéis, ou melhor, de *personal*, em que comparações se evidenciam. O fato de o “trabalhador manual” Rodrigo S.M. dizer que se encontra “neste instante mesmo batendo à máquina” (LISPECTOR, 1984, p. 26) remete-nos, imediatamente, para o que pensava Macabéa, o que a deixava satisfeita: “sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola” (LISPECTOR, 1984, p. 44). Nada de mais veríamos até aí, caso as semelhanças não se desdobrassem. Porém é de conhecimento



público que a escritora Clarice Lispector também escrevia à máquina, e com a mesma no colo. Como se não bastasse, Clarice, como Macabéa, não só gostava muito de coca-cola, como a oferecia aos amigos em sua casa, como também tinha consciência de que acabou fazendo propaganda de graça da mesma. Diz, inclusive, não se perdoar por isso. Também lembramos que Rodrigo S.M. informa que o “registro” – que se intitula *A hora da estrela* – “é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada” (LISPECTOR, 1984, p. 30). Mas voltaremos à questão noutro momento, interessa-nos mais nessa inter-relação entre Rodrigo X Macabéa e Clarice mostrar, por ora, que há um traço biográfico de fundo que atravessa a fala/escrita do escritor Rodrigo, como atesta a passagem: “ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca” (LISPECTOR, 1984, p. 27, grifos meus). Se escrito, ou talvez melhor, inscrito está em Rodrigo, com certeza escrito também está no corpo da escritora Clarice Lispector que, por sua vez, travestida na *persona* de seu comparsa escritor, deixa-se copiar sua própria história em pano de fundo à daquele, e ambas as histórias refletindo de forma especular a trajetória de Macabéa, o que só vem reforçar aquela nossa ideia do *nós somos um*, antes sugerida.

O escritor-autor Rodrigo S.M. encontra-se trancado, segundo ele mesmo, num cubículo de onde tem a *veleidade de querer ver o mundo*, ou mais precisamente, a vida/mundo de sua criatura Macabéa. Reconhece estar fascinado pelo “figurativo” e é assim que pretende desenhar a moça. “Também quero o figurativo assim como um pintor que só pintasse cores abstratas quisesse mostrar que o fazia por gosto, e não por não saber desenhar” (LISPECTOR, 1984, p. 29). Essa forma, através da qual o autor promete-nos desenhar sua personagem, torna-se-nos mais clara quando a contrapomos com uma crônica de Clarice Lispector que se intitula precisamente “Abstrato é o figurativo”. Diz a escritora: “tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de *abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu*”. (LISPECTOR, 1984b, p.492). Daí podermos dizer que os vários retratos que Rodrigo faz de Macabéa corroboram o desenho não só dela, mas da realidade, ou seja, da condição social *delicada e difícil* na qual ela se encontra – realidade essa não visível por muitos a olho nu por não quererem vê-la.

Contrariamente ao que parte da crítica não se cansou de afirmar, entendemos que a preocupação com a realidade social e cultural brasileira sempre esteve embasando o pensamento da intelectual e repercutindo, de uma forma ou de outra, em todo seu projeto literário. Lembramos que na Entrevista concedida, ao ser perguntada qual seria o papel do escritor, Clarice responde *que era o de falar o menos possível*.<sup>5</sup> Apesar de buscar o “Anonimato”, como sugere na crônica desse título – “Eu queria ficar calada” (LISPECTOR, 1984b, p. 72) –, a escritora, mesmo pondo-se na *condição de margem*, como faz Rodrigo S.M., não se cansa de delatar, participar, protestando, mesmo que só através da palavra (mesmo instrumento do qual Rodrigo se vale), contra questões envoltas com diferenças de classe e com as de natureza social. A título de exemplos sobre o assunto, mencionamos duas crônicas. Na primeira, que se intitula “Carta ao ministro da educação”, vemos a escritora preocupada e tratando de uma questão que, ainda hoje, continua muito mal-resolvida socialmente no país. Dizia ela ao destinatário que ele “há de estranhar que uma simples escritora escreva sobre um assunto tão complexo como o de verbas para educação – o que no caso significa abrir vagas para os excedentes”. (LISPECTOR, 1984b, p. 93). E acaba por perguntar ao *senhor ministro ou senhor presidente*: “excedentes num país que ainda está em construção?!”. Essa crônica de Clarice nos dá um retrato 3x4 em preto e branco da situação política do país na década de 60 (o texto é de 1968), principalmente quando a escritora adverte que os estudantes “nem poderiam sair à rua para uma passeata de protesto porque sabem que a polícia poderia espancá-los”. E termina a carta/crônica de modo contundente: “que estas páginas simbolizem uma passeata de protesto de rapazes e moças”.

A outra crônica é do mesmo ano (1968), intitula-se “Estado de graça-trecho” e não tem nada a ver com greves e protestos estudantis. O que, por si só, só reforça o quanto a escritora estava atenta, ligada às desavenças sociais do país, mostrando-nos, por sua vez, que não perdera a oportunidade de delatar tais questões já que mantinha um espaço no *Jornal do Brasil*. Nessa crônica, chama-nos a atenção um *P.S.* onde se lê: “– estou solidária, de corpo e alma, com a tragédia dos estudantes do Brasil”. (LISPECTOR, 1984b, p.119-121).

---

<sup>5</sup> Entrevista Cf. Entrevista já referida.

Considerando que a primeira crônica mencionada (“Carta ao ministro da educação”) foi publicada no *Jornal do Brasil* em 17 de fevereiro de 1968 e a segunda (“Estado de graça-trecho”) também foi publicada no JB em 6 de abril do mesmo ano, é ilustrativo lembrar o contexto sóciopolítico-cultural da época. Daniel Pécaut, no livro *Os intelectuais e a política no Brasil*, na parte intitulada “A contestação estudantil e a modernização universitária”, observa: “o meio intelectual transforma-se num subuniverso político relativamente autônomo. Delineia-se um novo perfil do intelectual político: aquele capaz de gerar os debates próprios da esquerda para evitar sua fragmentação e decomposição e, ao mesmo tempo, de *propor uma interpretação dos acontecimentos que seja assumida pela opinião pública informada*”. (PÉCAUT, 1990, p.250). É claro que Pécaut refere-se, especificamente, ao *professor* universitário; todavia podemos estender e entender a intenção da intelectual Clarice Lispector, nas crônicas, que grifamos, da citação.

Endossa tal preocupação intelectual de Clarice uma fotografia, lembrada, retratando uma “passeata de 1968”, na qual Clarice Lispector aparece com, entre outros intelectuais, o pintor Carlos Scliar, o psicanalista Hélio Pelegrino, o arquiteto Oscar Niemeyer, o cartunista Ziraldo, a atriz Glauce Rocha e o cantor Milton Nascimento.<sup>6</sup>

Feito esse brevíssimo recorte, apenas com a tentativa de registrar o quanto a escritora foi sensível e externou publicamente preocupação sobre a questão social, e considerando que depois nos deteremos no assunto, voltemos às pegadas da intelectual inscritas no pensamento, no projeto clariceano.

Pondo-se à margem, como Rodrigo S.M., da literatura “oficial”, Clarice diz sentir-se feliz por “fazer parte”, *pertencer* à literatura brasileira: “sou feliz de pertencer à literatura brasileira por motivos que nada têm a ver com literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual”. (LISPECTOR, 1984b, p.152). Tirante o tanto de encenação clariciana que a passagem deixa entrever, o fato é que não podemos desconsiderar o lugar no qual Clarice se põe quer seja diante da literatura brasileira, quer seja diante de sua própria literatura. Entendemos que, no decorrer de sua vida literária, a escritora valeu-se de uma postura “intelectual” que descentrara a própria figura do intelectual brasileiro e, por conseguinte, o lugar canônico da literatura. Se, no início de sua carreira literária (1943),

---

<sup>6</sup> Cf. BORELLI. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, p. 52.

Clarice já previra uma *dura vida literária*, nas décadas de 60 e 70, sobretudo, trabalhará seu projeto literário no sentido de *desmistificar* a própria literatura.

Logo no início de sua apresentação, o escritor Rodrigo S.M. diz ter se *apaixonado* “subitamente por fatos sem literatura” (LISPECTOR, 1984, p. 22). Reconhece *estar mudando de modo de escrever* e como justificativa de não ser um intelectual diz também “que só escrevo o que quero” (LISPECTOR, 1984, p. 23). Réplica perfeita encontramos nas palavras da escritora que recusava até mesmo o adjetivo “profissional”: “profissional escreve todos os dias, porque precisa. *Eu escrevo quando quero*, porque me dá prazer”.<sup>7</sup> Também na entrevista concedida, talvez ainda meio transferida com o escritor Rodrigo S.M., ou seja, com a forma de ele pensar e escrever, quando perguntada quando assumiu sua carreira de escritora, Clarice rejeita qualquer profissionalismo: “eu não sou uma boa profissional. Eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora. E faço questão de continuar a ser amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesma [sic]. Consigo mesmo, de escrever. Ou então, com o outro. Em relação ao outro. Agora, eu faço questão de não ser um profissional, pra manter minha liberdade.”<sup>8</sup>

Pensar que *só escrevia quando queria* e não quando os outros lhe propunham levou a escritora a conceitualizar, de forma mais aberta, o que viria a ser literatura: “literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós, escritores, fazemos”. (LISPECTOR, *apud* Borelli, 1981, p. 71). De acordo com o que postulava Clarice – num crescendo em sua vida literária e sobretudo nas últimas décadas –, podemos concluir que ela *entendia mais a antiliteratura por se considerar uma antiescritora*. Ou seja, com isso entendemos que o pensamento crítico da intelectual trabalha no sentido de *desmistificar* o conceito racionalista que separava o que era do que não era Literatura. Clarice enquanto *antiprofissional* propõe um olhar descentrado sobre a cultura elitista, sobre a literatura e sobre a sociedade em geral. A antiescritora pergunta sobre o seu lugar na literatura, altera constantemente sua forma de escrever e produz uma *antiliteratura* sem medo de *falhar* em seu projeto cultural. Na “Explicação” que Clarice dá aos contos de *A via crucis do corpo*, afirma: “Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do livro. Este livro é um pouco triste

---

<sup>7</sup> LISPECTOR, *apud* Borelli. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, p. 75 (grifo meu).

<sup>8</sup> Ver Entrevista.

porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo-cão. (LISPECTOR, 1984a, p.8).

Se ao final do projeto literário e da vida de Clarice, sua literatura se aproxima da *hora do lixo*, como mostra a passagem, antes, desde o início, seu projeto se aproximou da estética do malfeito. Mas vamos por parte. A constatação a que chega Clarice vale, sobretudo, para sua produção da década da 70, a exemplo de livros como *Onde estivestes de noite* (1974), *A via crucis do corpo* (1974) e o aqui estudado *A hora da estrela* (1977). Essa *literatura do lixo*, longe de reforçar o velho conceito de literatura, “elitista”, esteticizante e canônica, escrita para poucos (alta literatura), volta-se para o “insignificante”, o “marginal” etc. Ou seja, é da margem – e do sujeito e das coisas que a constituem – que tal literatura de então preocupa-se, a exemplo dos marginalizados de *A hora da estrela*.<sup>9</sup> Tal produção de Clarice, nesse sentido, chega inclusive a desconstruir sua alta produção modernista, uma vez que agora a forma mesma de narrar apresenta-se na condição de margem, híbrida de natureza, e em que a linguagem tanto na forma quanto no contexto não traz nenhum ranço “modernista”.<sup>10</sup>

Se a preocupação estética com a criação foi uma constante na vida literária de Clarice, diríamos que, principalmente na década de 70, tal preocupação se desdobrou, extravasando os limites do literário e atingindo o campo da hibridez cultural. Em crônica publicada em março de 1968, intitulada oportunamente de “O grito”, Clarice se pergunta: “o que farei de mim? Quase nada. Não vou escrever mais livros. Porque se escrevesse diria minhas verdades tão duras que seriam difíceis de serem suportadas por mim e pelos outros. Há um limite” de se ser. Já cheguei a esse limite. (LISPECTOR, 1984b, p. 103) “Diríamos que o “grito” o qual Clarice se impõe, talvez por conta da consciência dilacerada diante da realidade, e já soando como tentativa de ultrapassar *o limite de se ser a que já chegou*, leva a escritora a produzir tais obras (a exemplo de *A hora da estrela*) que são um verdadeiro desabafo da intelectual (como o foi para o escritor Rodrigo S.M.), “verdades tão duras que seriam difíceis de serem suportadas por mim e pelos outros”. Se, por um lado, muitos indivíduos da sociedade continuariam sem direito a acesso ao próprio livro da escritora, por outro, entendemos que sua preocupação enquanto intelectual, e perante a realidade

---

<sup>9</sup> Cf. nosso texto Rosa e Clarice na outra margem.

<sup>10</sup> Cf. GARRAMUÑO. La cultura como margen.

brasileira, é mais crítica, haja vista suas palavras sobre o livro *A via crucis do corpo* que caem feito uma luva para se pensar a realidade caótica apresentada em *A hora da estrela*: “este livro é um pouco triste porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo-cão”.

Parece-nos que, ao agir assim, Clarice desmascara não só a figura (e lugar) do intelectual tradicional como dá literalmente (e ironicamente, porque feminina) uma gargalhada na tradição literária brasileira construída sob a ótica masculina.<sup>11</sup> Para dar cabo a esse seu projeto intelectual arrojado, não se intimida de rever, de pôr sub judice sua obra até então realizada. E o faz, dessa vez, pondo para narrar a história de sua anti-heroína um homem (o intelectual Rodrigo S.M.) porque, segundo palavras dele, “escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1984, p. 20). Todavia, vemos aí mais do que uma fina ironia clariciana, por sinal bem ao estilo machadiano; porque presenciamos mais um fingimento, isto é, uma estratégia da qual Clarice se vale sempre e em todos os sentidos para ancorar sua ficção. Não é à toa que o escritor Rodrigo S.M. (subst. masculino) descobre não ser só sua criatura Macabéa que não faz a menor falta para ninguém – “também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria” (LISPECTOR, 1984, p. 20). *Um outro*, entenda-se bem, *desde que fosse homem*, reforça ele. Lembramos aqui um comentário que a escritora faz ainda na “explicação” de *A via crucis do corpo* que nos ajuda a compreender melhor o porquê de ela ter nos contado (e publicado) a história (e o livro) de Macabéa sob a ótica de um pseudônimo masculino: Rodrigo S.M. Disse Clarice ao seu editor que só publicava o livro sob pseudônimo, e que “até já tinha escolhido um nome bastante simpático: Cláudio Lemos”. (LISPECTOR, 1984a, p.8).

O editor, não aceitando a proposta, diz a ela que ela “devia ter a liberdade de escrever o que quisesse”. Não tendo saída, só resta à *inliberta* da escritora aceitar: “que podia fazer? senão ser a vítima de mim mesma”. Com isso, diríamos que se, em *A via crucis do corpo*, Clarice não pode se travestir de uma figura masculina, vindo a sofrer na pele e no próprio corpo *as histórias que são puro fato sem literatura* (“não era literatura, era lixo”), o mesmo não acontece em *A hora da estrela*, pelo menos aparentemente, uma vez que ela *transfere* seu papel e voz de intelectual para sua *persona* Rodrigo S.M.. A

---

<sup>11</sup> Cf. SANTIAGO. “A aula inaugural de Clarice.”

desculpa dada por ela em *A hora da estrela*, de que *mulher poderia lacrimejar piegas*, não surte efeito em *A via crucis do corpo*, só restando a ela dessa vez ser a vítima de sua própria proposta intelectual.

Não menos curioso é observar outro comentário feito por Clarice na mesma “Explicação”, em que ela se lembra que aquele dia em que escrevera alguns contos para o livro era “13 de maio, segunda-feira, dia da libertação dos escravos – portanto da minha também”, constata ela. Ou seja, a “inliberta” se vê como uma escrava da escrita, condenada que está a escrever sua *antiliteratura do lixo no mundo-cão*.

Ver-se como a “inliberta” e “escrava”, nesse contexto, parece só endossar o que ambos os escritores Rodrigo S.M. e Clarice Lispector afirmam de que só *escreviam o que queriam e quando queriam*. Em contrapartida, tal condição de escrava lembra-nos do que dissera outrora Virginia Woolf ao comentar a condição do escritor “Se o escritor é um homem livre e não um escravo, se pode escrever o que deseja e não o que se deve, se pode fundamentar sua obra em seus próprios sentimentos e não sobre uma convenção, então não há mais intriga, nem comédia, nem tragédia, nem história de amor e nem catástrofe segundo o método tradicional, e talvez nem mais um único botão pregado como fazem os alfaiates de Bond Street.” (WOOLF, *apud* NATAN, 1989, p. 131).

Tal desejo de libertação da escritora permite-lhe, entre outras coisas, não só pensar uma história “exterior e explícita” como a de Macabéa em *A hora da estrela*, como também julgar sua produção. Sobre isso, no conto “Dia após dia”, Clarice faz um comentário sobre o livro que está escrevendo: “sei lá se este livro [*A via crucis do corpo*] vai acrescentar alguma coisa à minha obra. Minha obra que se dane. Não sei por que as pessoas dão tanta importância à literatura. E quanto ao meu nome? Que se dane, tenho mais em que pensar”. (LISPECTOR, 1984a, p. 59). Diríamos que, enquanto as pessoas estavam preocupadas com o rumo e a proposta que a própria autora estava proporcionando para sua obra, Clarice voltava seu pensamento, seu olhar para a realidade social, cultural brasileira, na qual encontra “criaturas” reais como a retirante nordestina Macabéa. Assim, a escritora acaba desmistificando não só sua literatura como também seu próprio nome.

A título de ilustração, lembramos que no conto “A partida do trem” a escritora insere seu “nome” dentro da narrativa, de forma a dialogar com o mesmo (e consigo ao mesmo tempo), “A velha era anônima como uma galinha, como tinha dito uma tal de

Clarice falando de uma velha despudorada, apaixonada por Roberto Carlos. Essa Clarice incomodava.” (LISPECTOR, 1994, p. 38).

Parece-nos que, na verdade, Clarice incomoda mais seus ilustres tradicionais leitores do que poderia supor, uma vez que dessacraliza seu nome pondo-o em meio a coisas insignificantes e *antiliterárias*, banalizando-o ao inscrevê-lo dentro de suas anti-histórias. (É nesse sentido, entre outros, que devemos tomar a inserção de sua rubrica entre os subtítulos que abrem o livro *A hora da estrela*.) Nesse balanço do que é e não é literatura (se é que essa fosse uma preocupação da escritora), Clarice acaba nos dando um “relatório não da coisa”, isto é, de sua literatura. Mas também um relatório do papel do intelectual e suas preocupações culturais. Sobre isso, o conto “A procura de uma dignidade” é sintomático. A personagem protagonista, a senhora Jorge B. Xavier, chega atrasada para uma aula inaugural que tinha por assunto algo de *cultural*. Se a princípio se ressentia do atraso, com o desenrolar da narrativa mostra-se satisfeita, pois acredita que não perdera nada de extraordinário. Perdida, por esquecimento do lugar, dentro do estádio do Maracanã, logo se encontra metaforicamente perdida num labirinto. Com isso, a senhora Jorge B. Xavier preocupa-se tão-somente em achar a porta de saída, pouco lhe importando a conferência que, a essa altura, já “era um pesadelo”. Enfim, quando consegue sair do labirinto e encontra o lugar onde acontecia a aula inaugural, vê-se totalmente “fora da cultura que se processava defronte na sala fechada” (LISPECTOR, 1984, p. 12); “Pouco lhe importava a cultura” (LISPECTOR, 1984, p. 13), lê-se de forma conclusiva no conto. Daí a ler metaforicamente que o mesmo vale para o projeto intelectual que Clarice está propondo não falta nada. Diríamos então que ela, valendo-se de um esquecimento pensado, dá as costas à aula inaugural, cultural até então embasada em conceitos excludentes e propõe, sem medo, sua própria aula inaugural, porque afinal “tem! que! haver! uma! porta! de saiiiiiiida!” (LISPECTOR, 1984, p. 20).

O fato de Clarice trabalhar na imprensa deu a ela muita credibilidade enquanto escritora e proporcionou, ao mesmo tempo, muita popularidade à sua obra. Há, inclusive, alguns textos que foram escritos com a intencionalidade certa de serem publicados em Revistas. Esse pelo menos é o caso do conto “O relatório da coisa”, em que a autora torna pública tal intenção: “eu quero mandar este relatório para a revista *Senhor* e quero que eles me paguem muito bem”. (LISPECTOR, 1994, p. 81). Nessa época, a escritora assinava a



coluna “Children’s corner”, da seção “Sr. e Cia”, onde publica vários outros contos que se tornariam célebres em sua galeria. Nádía Gotlib lembra-nos que, quando “O relatório da coisa” apareceu publicado, trazia uma apresentação de Nelson Coelho, que fazia uma observação curiosa: *dizia que Clarice tenta matar a escritora, mas que não conseguirá*. “Com lucidez”, conclui Nádía Gotlib, “o apresentador reconhece, já, aí, uma escritora-suicida”. (GOTLIB, 1995, p. 316). Ao republicar o mesmo texto, só que agora no *Jornal do Brasil* (a 19 de agosto de 1972), Clarice acrescenta uma nota como que dando resposta àquela apresentação: “o que tentei com essa espécie de relatório? Acho que queria *fazer um anticonto, uma antiliteratura. Como se assim eu desmistificasse a ficção. Foi uma experiência valiosa para mim. Não importa que eu tenha falhado*”. (LISPECTOR, *apud* GOTLIB, 1995, p. 316).

Diferentemente do que postula o apresentador do conto e até mesmo do que conclui Nádía Gotlib, não vemos aí que Clarice tenta *matar a escritora*, nem muito menos que se apresenta como *escritora-suicida*. Antes, queremos entender que Clarice não só discute, criticamente, tentando *desmistificar* a literatura enquanto tal, como também faz um balanço da sua própria literatura, como já dissemos, de modo a alterar substancialmente seu projeto literário presente. Nesse sentido, suas próprias palavras do conto “O relatório da coisa” são esclarecedoras: “Já queria poder escrever uma história: um conto ou romance ou uma transmissão. Qual vai ser o meu futuro passo na literatura? Desconfio que não escreverei mais. Mas é verdade que outras vezes desconfiei e no entanto escrevi. O que, porém, hei de escrever, meu Deus?” (LISPECTOR, 1994, p. 82).

Daí querermos ver o texto “O relatório da coisa” mais como uma metáfora do *relatório da literatura*. Ou seja, um *relatório* que funciona como um arquivo literário e antiliterário, onde tudo e de tudo pode ser (des)arquivado, tornando-se público. Afinal é “uma experiência valorosa para mim. Não importa que eu tenha falhado”, conclui Clarice, em nota. Desse modo, tal relatório, enquanto metáfora do literário e do não-literário, apresenta-se como uma *desmontagem dos valores* proposta por Clarice Lispector. Inclusive de sua própria literatura, como já dissemos. Não é por acaso que a narradora/escritora diz logo no início: “o meu jogo é aberto: digo logo o que tenho a dizer e sem literatura. Este relatório é a antiliteratura da coisa”. (LISPECTOR, 1994, p. 73). Matéria ilustrativa desse relatório (des)arquivista, que põe em circulação uma *literatura do lixo, porque o que presta*

*também não presta*, encontra-se no conto “Onde estivestes de noite”, que dá título ao livro. Nele, entre tantas personagens diferentes entre si, uma personagem-jornalista, ao fazer “uma reportagem magnífica da vida crua”, diz o seguinte: “vou ganhar fama internacional como a autora de ‘O exorcista’ que não li para não me influenciar”.<sup>12</sup> Mais adiante no conto, a mesma personagem-jornalista diz ter *acordado com uma inspiração fabulosa*: “vou escrever um livro sobre Magia Negra! Não, não li o tal do Exorcista, porque me disseram que é má literatura e não quero que pensem que estou indo na onda dele”. (LISPECTOR, 1994, p. 68). Mas Clarice, por sua vez, pouco se importando pelo que o outro (leitor, amigos) pode dizer (conforme já mencionamos com relação à “Explicação” de *A via crucis do corpo*), aceita o desafio de dialogar com essa *literatura marginal*. Na esteira das palavras da jornalista-personagem, com relação à Magia Negra, pensamos que Clarice podia muito bem ter concluído para si: *pois eu também vou entrar nessa. E, por Deus, vou ganhar essa parada!*

E a prova de que ganha tal parada, ou pelo menos passa a saber tirar proveito dela, é que encontramos passagens (como, por exemplo, em *A hora da estrela* e outros) que aludem a tal atmosfera pertencente à “má-literatura”. No livro ora em estudo, há uma passagem em que o escritor Rodrigo S.M., como que fizesse um balanço de seu papel de intelectual, diz-se “cansado de literatura”, e arremata: “o pequeno sucesso me invade e me põe no olho da rua. *Eu queria chafurdar no lodo, minha necessidade de baixeza eu mal controlo, a necessidade da orgia e do pior gozo absoluto. O pecado me atrai, o que é proibido me fascina. Quero ser porco e galinha e depois matá-los e beber-lhes o sangue.* Penso no sexo de Macabéa, miúdo, mas inesperadamente coberto de grossos e abundantes pêlos negros – seu sexo era a única marca veemente de sua existência” (LISPECTOR, 1984, p. 80, grifos meus).

Assim como o escritor Rodrigo S.M., parece-nos que também Clarice Lispector sente-se *atraída, fascinada pelo proibido* como a “má literatura” ou “literatura do lixo”, ou seja, antiliteratura, e passa a com ela dialogar, como forma de mostrar para todos que, se

---

<sup>12</sup> LISPECTOR. *Onde estivestes de noite*, p. 62, “Do mesmo modo esse conto ‘Onde estivestes de noite’ trata de bruxaria, num momento em que um livro como *O exorcista* faz sucesso. Decidi não o ler, também, por dois motivos: um, para não receber influências; outro, porque dizem que é má literatura”. (LISPECTOR, *apud* GOTLIB, p. 426)

antes as fronteiras entre literatura e *paraliteratura*, *contraliteratura* e *parapolicial* eram delimitadas, tais pré/conceitos não fazem mais nenhum sentido epistemológico.<sup>13</sup>

Enfim, fica-nos evidente que há todo um submundo marginal composto por cartomante, feitiçaria, magia negra e macumba, porco e galinha, que invade a literatura da autora pela porta da frente (talvez para juntar-se aos subprodutos Macabéa e Olímpico) em *A hora da estrela* e em outros textos da época,<sup>14</sup> principalmente, que merecem atenção crítica. Além da passagem acima transcrita, veja-se se esta não seria, além de altamente ilustrativa, digna de reprodução: “sangraram em cima de mim um porco preto, sete galinhas brancas e me rasgaram a roupa que já estava toda ensanguentada” (LISPECTOR, 1984, p. 81).

Lembramos que talvez não seja por acaso que Macabéa está quase sempre sendo comparada, ou aproximada a uma galinha, bicho que se não rasteja, só cisca para trás. Além de ser muito insignificante. O autor de Macabéa nos informa que ela só “prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria” (LISPECTOR, 1984, p. 60). Criatura de uma herança/herância anônima, e nômade, herda da infância alguns traços, ou trejeitos, que delimitam sua vida adulta: *a cabeça baixa, do contacto com a tia*, e o fato de que outrora só lhe restou “criar pulgas”, pois talvez delas merecia um amor.<sup>15</sup> De tanto *notar o que era pequeno e insignificante* que Rodrigo S.M. a compara a capim (LISPECTOR, 1984, p. 38), enquanto Glória lhe adverte que “um dia a pílula te cola na parede da garganta que nem galinha de pescoço meio cortado” (LISPECTOR, 1984, p. 72). E até na hora da morte, com Macabéa caída *no beco escuro e uma sarjeta*, Rodrigo S.M. não se esquece de compará-la “como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue.” (LISPECTOR, 1984, p. 92) A diferença, segundo ele, é que a “galinha foge” e ela “lutava muda”. Porém deixa-se entrever aí um naco de esperança: pois “apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito” (LISPECTOR, 1984, p. 91).

---

<sup>13</sup> “Tem sido ainda grande o esforço da crítica em nomear os discursos que não se enquadram nos critérios da alta literatura, escolhendo-se, entre vários termos, ora o de *paraliteratura*, o de *contraliteratura*, ora o de literatura parapolicial, correndo-se sempre o risco de uma classificação equivocada” (SOUZA. *Crítica cult*, p. 85-86).

<sup>14</sup> Sobre o assunto, sugiro que se confira o teor irônico da crônica “Muita raiva: falta de amor, de *visão do esplendor*, p. 49-50.

<sup>15</sup> “Em pequena ela via uma casa pintada de rosa e branco com um quintal de onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela” (LISPECTOR. 1984, p. 57)

Constatamos que essa *antiliteratura* de Clarice – movida por pessoas e seres insignificantes e marginais –, que se desarquiva na medida mesma em que é *relatada*, põe em demanda uma prática anterior da criação literária da escritora que é o *gosto pelo malfeito e pelo inacabado*. E que a crítica vai denominá-la, não por acaso, de “estética do malfeito”<sup>16</sup> Na parte “Fundo de gaveta” de *A legião estrangeira* (1964), Clarice faz a seguinte advertência: “Por que publicar o que não presta? Porque o que presta também não presta. Além do mais, o que obviamente não presta sempre me interessou muito. Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno vôo e cai sem graça no chão.” (LISPECTOR, *apud* GOTLIB, 1995, p. 354).

Tal passagem alude quase que diretamente à “explicação” dada por Clarice na abertura de *A via crucis do corpo*, conforme já destacamos. Todavia o que nos chama a atenção na *advertência* que Clarice faz a “Fundo de gaveta” é que aí a escritora já trabalha em prol de uma dessacralização da (sua) literatura, ou seja, de seu conceito canônico instituído e, por extensão, de sua própria literatura até então tomada e lida pela crítica com o mais alto grau ou exemplo daquela literatura. Parece-me que pelo fato de a crítica demorar a entender a proposta da escritora, de que *o que presta também não presta*, principalmente quando se tratava de sua literatura, ela continuou a insistir e de forma cada vez mais vigorosa até criar uma *criatura* tão rarefeita como Macabéa. Nesse sentido, Ligia Chiappini afirma: “Macabéa é a expressão mais bem-acabada do mal-acabado, do malformado, do feio, do disforme que, segundo Plínio W. Prado Jr, Clarice incorpora na sua forma. Parente dos insetos, ratos, párias, galinhas, indigentes, que perpassam sua obra inteira, porque “é pelas figuras mal formadas que o evento se constitui: ‘só o errado me atrai’”. (CHIAPPINI, 1996, p. 67).

Todo esse *descentramento* causado pela *antiliteratura* clariciana bem como pela *estética do malfeito* a ela incorporada leva-nos a pensar numa *pós-literatura* posta em prática pela figura do antiintelectual que rediscute o próprio projeto inicial proposto pela escritora Clarice Lispector. É ilustrativo dessa *pós-literatura* desconstruidora do *logos*, do *cânon*, dos conceitos como o de verdade e do saber instituído o que diz o intelectual Rodrigo S.M. a respeito de sua criatura Macabéa: *nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida* (LISPECTOR, 1984, p. 36). Esse *não-saber* de

---

<sup>16</sup> Cf. LOPES. *A estética do malfeito*: Clarice Lispector e *A legião estrangeira*.

Macabéa, segundo Rodrigo S.M., *pode parecer ruim mas não é* (LISPECTOR, 1984, p. 36), porque através dele se instaura uma outra forma de pensar, completamente desarticulada da forma instituída. É excusado dizer que a ingenuidade e a “ignorância” de Macabéa articulam-se com a intencionalidade intelectual e crítica dos escritores Rodrigo S.M. e Clarice Lispector. “Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava”, (p. 63) constata Rodrigo S.M. sobre Macabéa. Já Olímpico “não só pensava como usava palavreado fino”. Ou seja, articulava seu pensamento de acordo com a lei, com a norma, com o pensamento repetitivo e monótono da opinião corrente. Resta ao intelectual Rodrigo S.M. criticar tudo isso, ou seja, virar do avesso todo o pensamento “senhorial” que estruturou toda uma época (“Nunca esqueceria que no primeiro encontro ele [Olímpico] a chamara de ‘senhorinha’, ele fizera dela um alguém”). (LISPECTOR, 1984, p. 63) – Clarice, não diferente do que postula Rodrigo sobre Macabéa, na crônica “Não entender” vai sobrepor o *não-entender* ao *entender*. *Não entender*, diz ela, *ultrapassa qualquer entender*: “entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo”. (LISPECTOR, 1984b, p. 253-254.). E conclui: “o bom é ser inteligente e não entender”. (LISPECTOR, 1984b, p. 254.). Daí depreendemos, para finalizar, que o intelectual proposto por Clarice não é mais aquele “sabe-tudo”, não tem mais tantas certezas, nem tantas verdades, nem muito menos convicções. Nem muito menos o saber final, total, absoluto. O intelectual que a pós-literatura de Clarice propõe não poderia jamais ocupar aquele lugar reservado a Olímpico por Macabéa: *o de sabedor das coisas*.

## Referências

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984a.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984b.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CHIAPPINI, Ligia. In: Revista *Literatura e sociedade*, n.1, 1996, DTLCC-FFLCH-USP, p. 60-80: pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar: leitura de Clarice Lispector.

CLARICE LISPECTOR (vídeo). Programa “Panorama Especial”. São Paulo, TV 2 Cultura, fev.1977.

GARRAMUÑO, Florencia. *La cultura como margen*. In: MARGENS/MÁRGENES. Revista de Cultura, n. 2, p. 34-41, dez. 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LOPES, Maria Angélica Guimarães. *A coreografia do desejo: cem anos de ficção brasileira*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001 p. 169-178: a estética do malfeito: Clarice Lispector e *A legião estrangeira*

NOLASCO, Edgar César. *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007

NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

NOLASCO, Edgar César. Quando a moeda literária vale 1,99 no mercado clandestino de Clarice Lispector. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, ABRALIC, Belo Horizonte, v.6, p. 99-107, 2002.

SANTIAGO, Silviano. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.) *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.13-30: A aula inaugural de Clarice.

NATAN, Monique. *Virginia Woolf*. Trad. de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: José Olympico, 1989.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad. de Maria Júlia Goldurases. São Paulo: Ática, 1990.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.